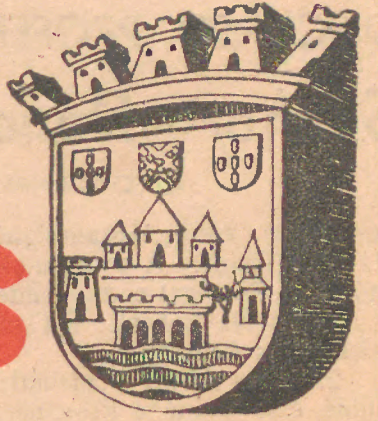


Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO

Director:
P.º ALBERTO DA ROCHA MARTINS
Telefone 8451

Redacção e Administração: TIPOGRAFIA «VITÓRIA»
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

D. António Bento Martins Júnior,

POR MERCÊ DE DEUS E DA SANTA SÉ APOSTÓLICA, ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA, PRIMAZ DAS ESPANHAS, ASSISTENTE AO SÓLIO PONTIFÍCIO, ETC.

Ao Nosso Il.^{mo} Cabido Primacial, Professores e Superiores dos Seminários, Clero e Diocesanos, Saúde, Paz e Bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Olhando complacente para esta Nossa amada Diocese Bracarense e para os Nossos instantes rogos, dignou-se o Santo Padre Pio XII, felizmente reinante, dar-Nos um valioso Auxiliar na pessoa de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor D. Francisco Maria da Silva, eleito Bispo titular de Telmissus, indo escolhê-lo entre os ilustrados Capitulares do insigne Cabido Metropolitano de Évora, cidade de tantas e tão notáveis tradições culturais e religiosas.

Por tão estimado favor e apreciada graça, importa que a Diocese e o seu Arcebispo rendam ao Augusto Pontífice o seu mais vivo e filial testemunho de indelével gratidão. E é para vos convidar a entoar Connosco um hino de louvor a Deus e a manifestar do fundo do coração o imenso reconhecimento nosso ao seu Vigário na terra que vos dirigimos cheios de júbilo estas breves palavras de congratulação.

Noutros tempos, em que a Diocese era muito mais vasta e mais difícil de percorrer, por serem menos e serem piores os caminhos e os meios de transporte, tiveram os Arcebispos de Braga frequentemente os seus Bispos Coadjuutores ou Auxiliares.

Hoje não faltam numerosas e boas estradas — algumas delas esplêndidas, — que cruzam a Diocese em todas as direcções, e quase não há freguesia rural aonde elas Nos não conduzam; hoje abundam os meios rápidos de transporte, que em pouco tempo — geralmente em menos de 90 minutos — Nos levam às mais afastadas povoações diocesanas.

Todavia, é muito mais densa e numerosa a população, mais consciente e exuberante a vida religiosa, singularmente elevado, no geral, o nível da cultura dos habitantes; e, em consequência de tudo isto, maior a necessidade da vigilância e da presença, em toda a parte, do Pastor diocesano e dos seus Cooperadores.

A graça solicitada e benévola concedida pelo Sumo Pontífice é tanto mais de estimar e de agradecer, quanto é certo que ao peso da Nossa Cruz pastoral, levada aliás com muito amor, vai para 25 anos nesta Diocese, mas não sem algum sacrifício, se vem juntar o peso maciço da idade com as suas naturais consequências.

A presença do Senhor D. Francisco Maria da Silva, que vem auxiliar-Nos na pujança da idade e ornado de preciosos dotes naturais, já experimentados no governo duma grande Diocese e em breve fortalecidos e sublimados pela graça da sação episcopal, permitir-nos-á, como esperamos, imprimir ainda maior e sempre renovado sopro de vida às instituições religiosas diocesanas, renovado estímulo aos Nossos Cooperadores de sempre e renovada confiança a todos os Nossos queridos diocesanos.

A sação episcopal do Senhor D. Francisco Maria da Silva far-se-á, querendo Deus, na Sacrossanta Basílica e Sé Primacial de Braga, no Domingo Laetare, que é o IV Domingo da Quaresma, e cai, este ano, no dia 31 do próximo mês de Março.

Esperamos ver ali reunidos, em volta do Nosso Bispo Auxiliar, grande número dos Nossos diocesanos de todas as classes sociais, para ali receberem, na Igreja Mãe da Diocese, a sua primeira fervorosa bênção episcopal.

Braga, 2 de Fevereiro de 1957.

† ANTÓNIO, Arcebispo Primaz

VIRGEM PEREGRINA

A devoção a Nossa Senhora da Franqueira é um culto quase milénario, ligado às melhores tradições barcelenses, algumas de projecção nacional.

A Senhora da Franqueira é a mesma que a Senhora de Fátima; e a Senhora de Fátima, a mesma que a Senhora do Sameiro. O seu culto tem, por isso, de ser igual também.

A única diferença, está na invocação; a Senhora, por Ela, é sempre a mesma.

É a Mãe de Deus; a Rainha do Mundo; a Padroeira de Portugal! Compreende-se e justifica-se assim o alvoroço que a romagem da

(Continua na página 2)

Solenes Exéquias pelo Sr. Arcipreste Rios Novais

Realizam-se hoje, conforme havíamos noticiado, na Igreja Matriz, desta cidade, pelas 10 horas, Solenes Exéquias pela alma do saudoso Arcipreste P.º Rios Novais. Nestes sufrágios tomarão parte muitos sacerdotes do concelho que mantinham a mais viva amizade ao saudoso extinto.

Conferência

No Círculo Católico, sob a presidência do Senhor Arcebispo Primaz, profere hoje, às 14 horas, uma Conferência o Rev.º P.º João Cabral, S. J. que versará o tema «O Congresso do Apostolado da Oração».

Só podem assistir os sacerdotes do Concelho.

Dr. Donatello Grieco

Dada a grande importância do discurso proferido na IV Comissão da XI Assembleia Geral das Nações Unidas, pelo Sr. Dr. Donatello Grieco sobre «Territórios Não-Autónomos» e porque se trata de um documento de altíssimo valor da autoria dum notável Homem de Letras vamos, hoje, começar a arquivar nas páginas de *Jornal de Barcelos* esse formoso trabalho.

Ao mesmo tempo felicitamos o distinto diplomata Donatello Grieco que em Barcelos conta grande número de admiradores.

Corporativismo

Por MARINO DE CARVALHO

NÃO tem sido fácil a tarefa que nos impusemos de promover e levar até ao fim, no seu mais pormenorizado e útil desenvolvimento, o regime corporativo português.

O ano de 1933 ficou assinalado pelas primeiras grandes leis básicas desse desejável regime e logo se tem a certeza de que a obra assim planeada iria custar sacrifícios de toda a ordem e exigir trabalhos árduos, cansaças sem conta, energia, vontade, Fé, perseverança no querer.

Sabia-se que, incrustado no corpo da Nação, um feroz individualismo egoísta tinha feito, durante longo tempo, a destruição de todo o espírito de solidariedade entre os elementos constitutivos do agregado social, económico e político que em séculos passados havíamos mostrado ser na estrutura organizada de um grande Povo.

Estávamos cansados de tanto mal e até parecia que

só éramos capazes de repetir as palavras de Catão, o censor, sobre a Roma do seu tempo: «já não podemos suportar os males de que sofremos nem os remédios que para eles nos dão».

Afinal o individualismo do século 19 só conhecia o elixir enganador e falso da luta das classes, a panaceia torpe da mais livre e desenfreada concorrência, entregando o homem a si mesmo, ao jogo dos seus insaciáveis apetites, à fúria de todas as suas predilecções sem limites.

A celerada trilogia democrática da «igualdade, liberdade e fraternidade» era a máscara ideológica de uma realidade totalmente comandada ao contrário.

Verdadeiramente o que era, nas relações políticas, sociais e económicas dos homens, mais se mostrava servidão de uns perante outros, despotismo de alguns sobre quase todos, ódio de cada um para com os demais.

A doutrinação de alguns

Um monumento a D. António Barroso

DA Carta de Angola, do correspondente especial de «O Comércio do Porto», publicada no grande diário portuense no passado dia 2 do corrente, com a devida vénia, transcrevemos a seguinte notícia:

«S. Salvador do Congo vai, finalmente, pagar uma dívida há muito em aberto, prestando homenagem à memória do que foi grande prelado e missionário, o bispo D. António de Sousa Barroso. Vai, a sua memória ser perpetuada num monumento, de bronze, o qual se erguerá no centro de uma região que ele ajudou a cristianizar e pacificar, definitivamente, fazendo ouvir a voz do Evangelho. D. António Barroso é bem um símbolo do verdadeiro apóstolo-missionário, votado de toda a sua alma à missão evangelizadora; sofrendo fome e sede, a hostilidade do clima e do gentio, e, como se tudo isto não bastasse, sofrendo, ainda, a suprema provação da incompreensão dos homens que tinham o indeclinável dever de, pelo menos, respeitar esse devotado servidor da Pátria. Recordámo-lo na sua diocese do Porto, espoliado do seu Paço Episcopal e acolhido à hospitalidade generosa de uma distinta família portuense, na Quinta de Sacais, onde hoje se abre a Rua do Dr. António Granjo... Vimo-lo já alquebrado, doente, mostrando bem a fadiga que, pouco depois, havia de prostrá-lo e vencê-lo no seu leito de morte; no seu funeral, na pequena aldeia de Remelhe; nas homenagens que os seus conterrâneos prestaram à sua memória, na inauguração da capela-jazigo, no modesto cemitério da sua terra natal, e na inauguração da sua estátua, de bronze, no largo fronteiro à Câmara Municipal de Barcelos.

As homenagens que em S. Salvador do Congo vão ser prestadas à memória do grande e saudoso prelado portuense, no dia 27 do corrente, para comemorar o 76.º aniversário da fundação da Missão Católica do Congo, por D. António Barroso, constituem como que um natural complemento daquelas que os conterrâneos do santo missionário lhe promoveram já. O busto de D. António Barroso, a inaugurar nesse dia, ficará ali como um padrão dos missionários portugueses, a evocar perenemente toda essa epopeia de sacrifícios, de heroïcidades, de provado patriotismo e da mais intensa fé apostólica, que assinalou a passagem por terras do Congo do grande missionário que foi aquele grande e saudoso prelado».

DISCURSO PROFERIDO PELO Senhor Donatello Grieco

(Continuação da página 6)

quipélagos, entre Moçambique e o Estado da Índia, entre Macau e Timor. A constituição portuguesa é taxativa: o território de Portugal compreende, e cito:

1.º — Na Europa: o Continente e Arquipélagos da Madeira e dos Açores;

2.º — Na África Ocidental: Arquipélagos de Cabo Verde, Guiné, São Tomé e Príncipe, e suas dependências, São João Baptista de Ajuda, Cabinda e Angola;

3.º — Na África Oriental: Moçambique;

4.º — Na Ásia: Estado da Índia e Macau e respectivas dependências;

5.º — Na Oceania: Timor e suas dependências».

Invocando ainda uma vez o princípio aqui aceito de que as ilhas costeiras são parte integrante do Estado continental, e associando-o ao preceito matemático de que duas quantidades iguais entre si são sempre iguais a uma terceira, vejo-me forçado a chegar à conclusão igualmente matemática de que, não distinguindo a Constituição portuguesa entre ilhas adjacentes e Continente, e equiparando este e aquelas a todas as demais províncias ultramarinas, tentar abrir excepções artificiais na matéria seria desmentir a doutrina já aqui pacificamente aceite de respeito às ilhas *off the coast*, sob pena de se querer rebaixar estas últimas sem de qualquer maneira elevar a categoria real das demais províncias.

A completa unidade política da Nação portuguesa não é apenas uma lição do enunciado de sua lei constitucional contemporânea. A configuração política e administrativa de Província é uma tradição no direito e nos usos portugueses. O Brasil, que logo no início de sua descoberta teve os nomes provisórios de Terra de Vera Cruz e de Terra de Santa Cruz, foi imediatamente baptizado com o título tradicional de *Província* de Santa Cruz; o historiador Gandavo deu a seu livro sobre o Brasil, escrito em 1576, o título de «História da Província de Santa Cruz»; o historiador João de Barros refere-se a todas as terras descobertas e administradas pelos portugueses no ultramar utilizando-se sempre do título de *Província*: *Província* de Santa Cruz (o Brasil), *Província* de Malabar, etc. Nos textos seiscentistas consagra-se a designação em diplomas públicos: em 1663, há quase trezentos anos, já se usava nos documentos oficiais a expressão «províncias ultramarinas»; «províncias» chamam-se todas as terras portuguesas na Carta Constitucional de 1821; o Título X da Constituição de 1832 intitulava-se «Das Províncias Ultramarinas» e o mesmo reza o Título X da Constituição de 1842; e não há modificação nessa terminologia, nem na configuração política e administrativa, na Legislação do Ultramar, de 1867. «Províncias ultramarinas»: são os territórios portugueses de Ultramar assim chamados na Constituição de 1911 e na actual.

(Continua no próximo número)

bons portugueses, para quem a grande tarefa estava em construir a Cidade Nova sobre os alicerces da Cidade Antiga portuguesa, veio despertar entusiasmos, arrebatados vontades, esclarecer inteligências. E depois, com o Governo de Salazar, a ideia pôs-se em movimento. A doutrina estava pensada, estudada.

A experiência fundamental, de tempos distantes, permitia antever que com êxito poderia tentar-se o regresso ao antigo sistema das *Corporações*, que deixaram na história da vida nacional alguns capítulos de valor e interesse.

Lançadas, como disse, as primeiras grandes bases legais do novo regime, no já referido ano de 1933, houve para diante que opôr o *ideário* dessa Revolução aos descrentes e aos infatigáveis inimigos de tudo o que estorve a comodidade e a injustiça das posições privilegiadas, aos irreductíveis adversários dos princípios redentores em que afinal se travou e ganhou a batalha da Revolução do país.

Seguiu-se o tempo. Os homens responsáveis, os dirigentes governativos, não

mais perderam a velocidade que inicialmente se imprimiu ao movimento em marcha.

Corajosamente, afincadamente seguiram em frente, derrubando descrenças, combatendo inércias, vencendo obstáculos. E a Obra cresceu, desenvolveu-se, prosperou.

Está à vista de todos, na plenitude dos seus efeitos de vantagem, na soma dos benefícios de toda a ordem que sem dúvidas trouxe à vida da Nação e à própria força do Trabalho e do Capital do País.

O ano de 1956 veio marcar um novo capítulo, um capítulo maior na história e na vida do regime corporativo, exactamente porque nele aconteceu o memorável facto que é o da criação das primeiras *Corporações*, correspondendo às maiores actividades ou a algumas das maiores e principais actividades nacionais.

Foram a tenacidade, a Fé, a vontade indomável e o espírito doutrinado e esclarecido do ilustre Ministro das Corporações, Dr. Veiga de Macedo, que levaram por diante essa ansiedade de todos nós, de todos os que há

VIRGEM PEREGRINA

(Continuação da página 1)

Senhora levanta no nosso concelho. Perante os príncipes da terra, geneletimos respeitadamente; à passagem da Senhora, Rainha do Céu, o povo ajoelha, devotamente, suplicantemente. As almas estremecem, as consciências despertam, os corações vibram de entusiasmo. Ambiente propício para uma renovação, que a Senhora nos pôs em Fátima, como meio único de evitarmos a cólera de Deus, pelos nossos desmandos e pela nossa impenitência. Esta é uma hora de graça, de que pode depender o nosso futuro. Aproveitemo-la.

A última semana foi a da permanência da Virgem Peregrina em Faria, onde a devoção diária, em honra da Senhora, foi muito concorrida. Aqui também se viram, todos os dias e todo o dia, visitas de devotos, em veneração permanente à Padroeira dos Barcelenses. A comunhão geral teve cerca de 800 participantes, preparada por 4 confessores.

No domingo último, o sermão da despedida em Faria foi prêgado pelo Rev. Prior de Barcelos.

Desde a igreja paroquial até ao lugar da entrega, no limite da freguesia, via-se um só tapete com motivos artísticos, por todo o caminho, ornado de bandeiras, arcos e festões multicolores. A Senhora caminha solenemente, num préstito enorme, piedoso e imponente.

Depois da despedida de Faria, faz-se a entrega à freguesia de Vilar de Figs, que trouxe ao encontro da Virgem Peregrina o andor do seu Padroeiro. Ouvem-se vivas, correspondidos em delírio pela multidão, uma das maiores desta romagem. As girândolas ribombam constantemente.

Vilar de Figs veio dar-nos uma outra nota, novidade nesta romagem da Virgem.

À entrada da Senhora da Franqueira na freguesia, seis encantadoras meninas, vestidas de anjo, soltaram pombas, das quais duas poisaram no andor. Uma levanta vôo. Mas a outra, ficou, apesar de ter as asas livres, apesar do ruído e do movimento. E lá ficou na Igreja aos pés da Senhora.

Os caminhos de Vilar de Figs desde o lugar da entrega até à Igreja, estavam ricamente ornamentados. Aqui, como em toda a parte, de todas as janelas pendiam colgaduras. O povo dava largas à sua alegria pela honrosa visita da Senhora.

Na impossibilidade, por doença, do Rev. Reitor da freguesia, presidiu a todos os actos o Rev. Pároco de Milhazes.

Durante todo o préstito, em carro sonorizado, rezou e cantou com o povo, o Rev. Prior de Barcelos, que também pronunciou a alocução de boas vindas, em Vilar de Figs.

No próximo domingo, a Senhora da Franqueira terá em Barcelinhos a confirmação do triunfo, de glória sempre crescente, da veneranda Peregrina do concelho de Barcelos.

Quem neste jornal anuncia...
...o seu negócio amplia

muito aguardávamos que ao edifício majestoso e tão estruturalmente alicerçado, que é o regime corporativo português, se desse finalmente a cúpula onde se posam encimar as Verdades e as utilidades do sistema da Nação Orgânica.

Honra e louvor ao operoso Ministro do Governo Nacional, pela sua dedicação a esta nobre Causa, pelo esforço de verdadeiro lutador em prol de uma Ideia, pela perseverante batalha do seu espírito e da sua inteligência.

Autoridades administrativas espanholas

No pretérito sábado, 2 do corrente, de tarde, estiveram nesta cidade, de passagem, o Sr. Governador Civil de Pontevedra que se fazia acompanhar pelos presidentes dos municípios do seu distrito, do vice-cônsul de Portugal em Vigo e de diversas individualidades de relevo num total de 75 pessoas.

Na rápida visita que fizeram à nossa terra foram acompanhados pelos nossos estimados amigos Snrs. João Duarte e Arquitecto Gaspar de Sousa Coutinho, amigos pessoais do Governador Civil de Pontevedra.

Os ilustres visitantes dirigiram-se a Braga onde foram recebidos nos Paços do Concelho e aí se realizou uma sessão de boas vindas em sua honra.

A essa sessão assistiram representantes de todas as entidades oficiais e muitas outras individualidades de prestígio da capital do distrito.

As autoridades administrativas espanholas que se deslocaram à cidade de Braga com o objectivo de intensificar as relações culturais e turísticas entre o Minho e a Galiza, eram portadores duma lápide que ficou a assinalar essa visita de amizade luso-galaica.

No final da sessão realizada na Câmara Municipal, dirigiram-se ao Governo Civil para apresentarem cumprimentos ao Chefe do distrito, visitando seguidamente os monumentos da cidade e o triângulo turístico.

No Bom Jesus do Monte, foi-lhes oferecido um «Porto de honra» pelos Snrs. Governador Civil e Presidente da Câmara Municipal.

Baptizados

Na igreja paroquial da freguesia de Pedome, concelho de V. N. de Famalicão, baptizou-se a primogénita do nosso prezado amigo Sr. Aires Pinho Ferreira de Azevedo e da Sr.ª D. Emília Maria da Cunha Guimarães Azevedo.

Recebeu o nome de Emília Maria e serviram de padrinhos os avós maternos, o industrial Sr. Jaime da Cunha Guimarães e a Sr.ª D. Rosa Maria Cardoso da Cunha Guimarães.

No passado domingo, na Igreja Matriz desta cidade, baptizou-se uma filhinha do nosso amigo Sr. Manuel Elias da Costa Lima e da Sr.ª D. Célia Ester P. da Costa Lima que recebeu o nome de Maria da Glória, tendo sido padrinhos os tios maternos Sr.ª D. Maria da Glória Pereira da Costa e o Sr. José Luís P. da Costa.

—)(—

Atenção!

Últimamente o abarracamento que costuma servir nos dias do mercado semanal não tem sido retirado, como é norma, há muitíssimos anos, do vasto Campo da Feira.

Embora desmontado e amontoado, dá mau aspecto e, para este facto, chamamos a atenção do funcionário municipal das Feiras e Mercados.

—)(—

Sessão de cinema

Na Assembleia Barcelense, na pretérita sexta-feira, realizou-se mais uma sessão de cinema com filmes culturais, oferecida aos Sócios da mesma Assembleia pelo Consulado dos Estados Unidos da América no Porto.

—)(—

Hospital da Misericórdia

No próximo domingo está de serviço permanente o Senhor Dr. Luís N. Machado.

Mundanismo

Fazem anos pelo que lhes apresentamos muitos parabéns os nossos amigos:

Hoje — A Sr.ª D. Maria Henriqueta Pereira da Quinta e Costa e os Snrs. Dr. João Beleza de Almeida Ferraz, Engenheiro Mário Pinho Ferreira de Azevedo e Carlos Alberto do Rego Fernandes.

Sábado — A menina Maria Arminda da Quinta e Costa Viana de Queirós.

Domingo — As Sr.ªs D. Ermelinda Amélia Miranda Aviz e D. Idalina da Glória Neves M. Ferreira e os Srs. Francisco Carvalho, José António do Rego Fernandes e Emílio Lopes Fernandes Vinagre.

Segunda — A Sr.ª D. Maria da Glória da Cunha Vieira Duarte e o Sr. Jorge Vieira de Sousa Basto.

Terça — Os Snrs. Manuel Cardoso de Albuquerque e Emílio da Silva Melo e o menino José António Carvalho Serra.

Quarta — A Sr.ª D. Maria Teresa das Dores Faria, os Srs. Carlos Eduardo da Silva Vinagre, José Augusto das Dores da Silva e a menina Maria Helena do Rego Fernandes de Oliveira.

×

Farmácia de Serviço

No próximo domingo está de serviço permanente a farmácia PACHECO, no Largo da Porta Nova.

Nascimento

A esposa do nosso prezado amigo Sr. Dr. Mário Queirós, proprietário e director clínico das Termas do Eirogo, deu à luz uma criança do sexo masculino.

Os nossos parabéns.

Leia e propague

JORNAL DE BARCELOS

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGÊNCIA EM BARCELLOS

Largo da Porta Nova, 41 — Telefone 8518

Descontos — Depósitos à Ordem e a Prazo — Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras

O Poeta Pedro Homem de Melo e Barcellos na E. Nacional

(Continuação da página 6)

nomes do Vira e do Malhão aos quais o do Regadinho se vem juntar...

— E a Vareira! E a Moda do Sapatinho?

— Agora, pouco ou nada se dançam. Mas, nos trabalhos do campo, as mulheres cantam-nas ainda... Fenómeno semelhante, observámo-lo no traje.

Por todo o concelho de Barcellos, vemos, quase sem excepção lavra-deiras «ensacadas», isto é com a faixa a cingir as ancas, de modo a realçar a elegância da cintura, faixa negra com barra, cor de tijolo junto às extremidades.

Em São Romão de Fonte Coberta, após termos passado por Gamil e Middões, foi-nos dado certa explicação preciosa sobre o modo como se deve usar a faixa.

— Enquanto as moças deixam cair para trás as pontas os rapazes, uma vez dado o laço nas costas, pegam nelas e escondem-nas à frente...

No entanto, a blusa domingueira, o lenço da cabeça e o próprio avental pouco tem de comum com o traje de gala, envergado, hoje em dia, apenas, por elementos de ranchos oficiais.

Ora, o que sucede com o fato dá-se também com o bailado. Há pois que distinguir entre dança absoluta e dança relativa.

A primeira diz respeito duma forma geral, quase de ponta a ponta, ao Alto-Minho. A segunda, porém, refere-se, unicamente, a determinadas regiões da mesma província, onde os passos pelo seu aperfeiçoamento e características, adquiriram plena maioridade.

Assim, diremos que o estudo do Vira e do Malhão e mesmo o da Cana Verde e do Regadinho fazem parte, somente, daquela instrução primária, sem a qual não convém que aprendamos outros números, mais difíceis e de mais largo efeito, visto representarem pela erudição que revelam, alta nobreza folclórica.

Daremos, portanto, no nosso ensaio presente, lugar de relevo a dois concelhos minhotos: o de Barcellos e o de Guimarães.

Vejamos, agora, algumas das suas particularidades:

Em Barcellos, por exemplo, os bailadores cantam enquanto dançam exprimindo desse modo a força duma arte que reflete, limpidamente, os ritmos da faina agrícola: o da pisa das uvas, o da lavra, o das sacas, o das ceifas e o das malhadas. Nenhum mistério. Nenhuma dúvida. Nada que venha de longe... Presença. Certeza. Prazer...

Os braços, não ficam imóveis, em atitude religiosa, como na serra d'Arga, nem pairam com geito de asa, como em Carreço, e sobem e descem, acentuadamente, ambos na mesma direcção, à semelhança de quem malhe, cave ou pesque.

Estamos, por conseguinte, distantes da leveza aérea de Afife ou da farta graciosidade de Santa Marta. Em Barcelinhos a bailadeira não lembra nem a flor, nem a ave, nem a estátua, nem o espectro mas aparece-nos infinitamente mais pujante do que nas terras da fronteira. Tem princípio, meio e fim. Lua cheia. Sol a pino.

E quando, por vezes, a frase coreográfica se nos afigura breve, a beleza das linhas todavia é tanta que a repetição nunca enfada.

O Grupo Folclórico de Barcelinhos apresenta, actualmente, as seguintes danças:

Ciranda, Lima de Negreiros, Lima de Góios, Chulita, Vareira, Vareirinha e o Sapatinho.

Tanto a «Ciranda» como a «Vareira» (e quem diz «Vareira» diz também «Sapatinho» ou «Lima»!) tem uma base comum. Ora, sem raiz não há talento e, sobretudo, não há verdades.

Não admira, pois, que as danças Barcelenses não sejam mais do que Malhões, não Malhões vulgares, primários e pobres, mas altos com linhagem definida e em rica floração. Compasso binário. E, mesmo quando a concertina, nos Viras, marca três tempos, os calcanhares dos bailadores arranjam forma de (tanto quanto possível!) contar até dois.

Donde concluiremos que (passa a audácia da expressão!) em Barcellos tudo fala em Malhões.

Até o próprio Vira...

EDITAL

ALFREDO TEIXEIRA DA COSTA PEREIRA, ENGENHEIRO-CHEFE DA 1.ª CIRCUNSCRIÇÃO INDUSTRIAL, FAZ SABER QUE:

ROGÉRIO DA COSTA e ADELINO PEREIRA LINHARES requereram licença para instalar uma oficina de tipografia e composição, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de cheiro, poeiras, ruído, trepidação e perigo de incêndio, no Campo Camilo Castelo Branco, n.º 79, freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Barcellos, distrito de Braga.

FRANCISCO FERREIRA DO SOUTO CARDOSO requereu licença para instalar uma padaria de pão de trigo de farinha espoada e pão de milho, em regime de trabalho caseiro e familiar, autónomo, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de fumo e perigo de incêndio, no lugar de Casa Nova, freguesia de Galegos (Santa Maria), concelho de Barcellos, distrito de Braga, confrontando do Norte com João Alves, do Sul com António Alves, do Nascente com a Estrada Municipal e do Poente com João Alves e António Alves.

Nos termos do Regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas, ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão das licenças requeridas e examinar os respectivos processos, nesta Circunscrição, com sede no Porto, Rua dos Bragas, n.º 61.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 28 de Janeiro de 1957.

O Engenheiro-Chefe,

Alfredo Teixeira da Costa Pereira

Vendem-se

Mobiliária de sala de jantar em mogno, de quarto e pequeno fogão, motivo de retirada urgente.

Rua da Madalena, 25 (Silva da C. G. de Depósitos).

Vida Desportiva

Campeonato Nacional da II Divisão

Com a jornada de domingo, na Zona Norte, ficaram já apurados os três primeiros classificados para disputarem a fase final que são, como prevíamos, o Salgueiros, o Vitória de Guimarães e o Sporting Clube de Braga.

O Leixões ao perder no seu próprio campo com o Sporting Clube de Braga perdeu quaisquer possibilidades de se classificar para a fase final que, diga-se de passagem, mesmo em caso de vitória, eram já muito remotas.

O grupo de Matosinhos cedeu o 4.º lugar ao nosso representante e baixou para 5.º e, se não surgir qualquer imprevisto, sempre possíveis em futebol, a classificação destes lugares deve manter-se até final desta fase.

Na Zona Norte, uma vez que a classificação cimeira está decidida, as atenções voltam-se agora para o detentor da lanterna vermelha.

Actualmente, tão indesejável posição é ocupada pelo União de Coimbra que, na nossa opinião, não conseguirá safar-se dela o que acarretar-lhe-á baixar de divisão.

Futebol

Gil Vicente, 3 — Tirsense, 1

No domingo, o Gil Vicente recebeu a visita do Tirsense. O campo Adelino Ribeiro Novo, registou fraca assistência e o jogo também foi muito pobre de técnica.

Na primeira parte o grupo local ainda jogou regular e dominou bastante, perdendo inúmeras ocasiões de marcar mas, no segundo tempo, o Gil Vicente fez uma exibição medíocre.

A linha avançada, muito morosa, perdeu-se ainda em excesso de passes.

O grupo visitante é uma sombra do que foi mas, o entusiasmo com que os seus componentes puseram na luta e a tática adoptada pelo grupo barcelense, evitaram que regressassem com uma pesada derrota.

Canário só aos 59 minutos apanhou o primeiro golo do Gil com um potente pontapé a finalizar uma boa avançada de Tito. Nolito, aos 32 minutos da 2.ª parte, elevou o marcador para 2-0. Oito minutos depois um passe mal feito de Seródio a Augusto foi apanhado por Vital para marcar o único ponto do Tirsense.

Tito fixou o resultado a três minutos do fim por culpa do guarda-linha visitante que deixou escapar das mãos o remate do avançado barcelense.

O jogo, duma maneira geral, foi disputado com correcção e a arbitragem do Sr. Eduardo Neves, de Viseu, foi imparcial.

O Gil Vicente, alinhou:

Augusto; Seródio, Eduardo e Valdemar; Pontes e Vieira; Tito, Nolito, Gelucho, Canário e Nova.

Os outros resultados da Zona Norte, foram:

Peniche — Salgueiros, 1-3
Guimarães — Boavista, 1-0
Vianense — Marinhense, 4-1
Leixões — Braga, 1-2
Chaves — Sanjoanense, 3-1
Espinho — União de Coimbra, 5-1

Domingo, o Gil Vicente, receberá a visita do União de Coimbra.

Columbolilla

No próximo domingo, 17 do corrente, realiza-se o treino de Vila Nova de Gaia.

Proprietários e Automobilistas!!!

Precisam de realizar capital? Vejam antes de tudo, as condições que a Empresa Predial Nortenha vos oferece. Consultem-nos no vosso próprio interesse. Transacções realizadas em 24 e 1 hora, respectivamente. Máximo sigilo.

EMPRESA PREDIAL NOR TENHA

Colham referencias

Trav. Sá da Bandeira, 10-12 * Filial: Pr.ª da Alegria, 58-53
Telef. 26706 - Porto * Telef. 35313 - Lisboa

RELOJOARIA CARVALHO

O Relojoeiro de confiança em Barcellos.

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 40

Garrafas a 1\$50

NO

Armazém Esteves

Vende, compra e troca máquinas de costura em 2.ª mão

Fernando Valério de Carvalho

Av. Combatentes da G. Guerra, 158 — BARCELLOS — Telef. 8345

IMPRENSA

Revista «Ocidente»

Recebemos esta bela revista de cultura que é dedicada ao seu ilustre e saudoso fundador e antigo Director Doutor Alvaro Pinto.

Neste número que temos presente colaboram alguns dos Amigos e alguns colaboradores de «Ocidente»:

Jaime Cortesão, António Sérgio, António Correia de Oliveira, Januário Leite, Mário Beirão, Narciso de Azevedo, Angelo Vaz, Hernâni Cidade, Eduardo Coelho, A. Mendes Correia, Nuno Simões, João de Barros, F. Santos Costa, Vieira de Almeida, Diogo de Macedo, Mário de Sampaio Ribeiro, João de Castro Osório, Luís Chaves, Joaquim Paço d'Arcos, José Pedro Machado, Sebastião Pestana e Miguel M. e C. Alvelos.

Além dos escritores brasileiros:

Alceu Amoroso Lima (Tristão de Atafide), Tasso da Silveira, Assis Chateaubriand, Barbosa Lima Sobrinho, Rui de Azevedo e Rui Lima.



Publicações recebidas

Mensário das Casas do Povo

N.º 128—Fevereiro de 1957

Este número do Mensário das Casas do Povo, que continuamos a receber pontualmente, contém a habitual colaboração de interesse para os organismos corporativos a que se destina. Este fascículo é porém, valorizado com o texto da proposta de leis sobre Federações das Casas do Povo, com um estudo de Luís Chaves sobre a «A história e a etnografia do fuso», e com um desenho de Raquel Roque Gameiro. O Mensário das Casas do Povo é uma revista cultural que recomendamos especialmente para a formação nacionalista de todos os portugueses.

Agradecemos e arquivamos os exemplares recebidos.



CINEMA

Hoje apresenta o Cine-Teatro Gil Vicente, às 21,30, a divertidíssima comédia:

Somos Homens ou quê?...

É uma espirituosa interrogação que dá origem ao filme mais divertido de TÓTÓ.

Uma produção italiana que agrada a todos os públicos.

Para 18 anos.

No próximo domingo, 17, às 15,30 e às 21,30, o filme heróico, cavaleiresco e nobre:

As Aventuras de Cadet Rousselle

Um rapaz pobre a quem o destino favoreceu ser promovido a general dos exércitos de Napoleão. Uma produção francesa, em technicolor e com François Perier e Dany Robin.

No programa as «IMAGENS DE PORTUGAL» e o Jornal de actualidades.

Espectáculos para maiores de 13 anos de idade.

Brevemente o filme português:

Perdeu-se um marido

Seja assinante do

JORNAL DE BARCELOS

Da Administração

Pagaram as suas assinaturas os seguintes Snrs.:

Por 16 meses

António de Sá Lopes Fernandes e Manuel Rodrigues Ferreira, Apúlia.

Por 15 meses

José Campos Pereira, Lisboa.

Por 1 ano

João Vasconcelos Bandeira e Lemos, Barcelinhos; José Carlos Pinto Rosa, Porto; P.º Carlos Fernandes Garrido, Fonte Boa; António Fernandes Garrido, Brasil; António Sérgio Rodrigues Azevedo, Quiraz; P.º Manuel Alberto Gonçalves da Silva e Anselmo Pereira da Fonseca, Apúlia; José Gomes de Faria, Sequeira e Casa do Povo de Vila F.-S. Martinho.

Por 6 meses

Manuel Maria Pereira, Barcelinhos e Manuel Martins Pinheiro, Abrantes.

Por 3 meses

António Rodrigues Mano, José António Carlos Carvalho, Manuel Rodrigues Ferreira e Manuel Alves de Oliveira, Apúlia.

Novo Assinante

Deu-nos a honra de se inscrever como assinante do nosso jornal mais o Snr.:

Manuel Martins Pinheiro, Abrantes.

Jardim Público

Há algumas semanas que a Avenida do Jardim Público, com uma grande quantidade de barro amontoado, oferece uma desagradável aparência.

Agenda Médica

Maria Angelina Corrêa

MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS

Consultas das 10 às 12

Campo 5 de Outubro Telefone 6398

FRANCISCO TORRES

Médico

Consultório:

Rua D. António Barroso — Telef. 8377

Residência:

Av. Alcaldes de Faria — Telef. 8210

António Pedras

MÉDICO

Doenças de pulmões . Raios X

Consultas das 10 às 12 e das 15 às 17

Residência: Arcoselo—Telefone 8287

Av. dos Combatentes, 196—Tel. 8456

Consultório: Av. Dr. Oliveira Salazar, 70—Tel. 8422

Dr. José António Torres

MÉDICO

Consultório:

Rua D. António Barroso

Telefone 8377

Residência:

Av. Alcaldes de Faria

Telefone 8559

Camilo Ramos

Cirurgião-Dentista e Farmacêutica—Doenças

da boca e dos dentes—Protese Dentária

Consultório: L. da Porta Nova, 44-1.º

Residência: C. Camilo C. Branco, 88

Telefone 8321

FALECIMENTOS

D. Emília do Rosário Lázaro

Nesta cidade, no passado dia 5 do corrente, faleceu a Sr.ª D. Emília do Rosário Lázaro, de 97 anos de idade.

A saudosa extinta era mãe do nosso amigo e assinante Snr. Joaquim Lázaro, distinto Enfermeiro e dos Snrs. Lázaro António, Manuel Lázaro e Alberto Lázaro e das Sr.ªs D. Maria, D. Aurora e D. Maria Lázaro e sogra da Snr.ª D. Filomena Pinto Lázaro, parteira-enfermeira.

O seu funeral, realizou-se na tarde de quarta-feira, dia 6, da sua residência sita à Rua Miguel Bombarda para o cemitério municipal.

D. Maria dos Prazeres de Sá

Após prolongado sofrimento faleceu, na pretérita quinta-feira confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, a Snr.ª D. Maria dos Prazeres de Sá, de 66 anos de idade.

Era casada com o nosso amigo e assinante Sr. José Joaquim Gonçalves, funcionário Municipal e mãe das Snr.ªs D. Maria do Carmo, D. Maria da Conceição e D. Maria Manuela de Sá Gonçalves e dos Snrs. Teófilo Eduardo, Manuel, José, Luís e Eugénio de Sá Gonçalves.

O seu funeral realizou-se na tarde de sexta-feira, da capela do cemitério do Prado do Repouso, do Porto, para onde foi trasladado desta cidade.

As nossas mais sentidas condolências às famílias enlutadas.

Subsídios de cooperação

Pelo Ministério do Interior —Subsecretariado de Estado da Assistência— foram concedidos 34.477 contos de subsídios extraordinários de cooperação a estabelecimentos oficiais e particulares de assistência para o corrente ano.

Para Barcelos vieram os seguintes subsídios: Misericórdia, 120 contos; Casa de Santa Maria, 20 contos e Casa dos Rapazes, 20 contos.

Fundo do Socorro Social

Do Fundo do Socorro Social, foram atribuídos os seguintes donativos:

Comissão Municipal de Assistência, 62 contos; Hospital da Misericórdia, 36 contos; Sopa dos Pobres, 8 contos; Colégio Ultramarino de Arcoselo, 36 contos e Patronato de Santa Inês, 6 contos.

«Jornal de Barcelos»

Assinatura (trimestre) . . . 10\$00
Número avulso 1\$00
Estrangeiro (ano) 60\$00
Ultramar (ano) 50\$00
Anúncios judiciais—linha . . . 6\$
Comunicados e anúncios oficiais 1\$50
Anúncios por formato—preços convencionais. Linómetro tipo corpo 8.

ALTO-FALANTES

Prefiram sempre a

CASA SOUCASAUX
TELEFONE 8345

Fotografias — Rádios — Oculos

Artigos fotográficos, etc.

BARCELOS

Travessa dos Clérigos, 15-2.º — PORTO — Tel. 24195

Exija exclusivamente para abrihantar as suas festas

Alto-falantes

DE

José Fernandes, L.ª

A mais moderna aparelhagem sonora que podem preferir. As melhores microgravações religiosas e a maior colecção de músicas regionais, folclóricas e clássicas.

Aparelhagens moderníssimas.

Licença eclesiástica para festividades religiosas. Deslocam-se para qualquer parte do País, haja ou não energia eléctrica.

Rua Miguel Miranda, 40—BARCELINHOS—BARCELOS—Tel. 8245 P. f.

**CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
CONSELHO MUNICIPAL
Convocatória**

LUÍS JOSÉ DE MAGALHÃES DE ABREU NOVAIS MACHADO, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Barcelos:

Nos termos do § 3.º do art.º 29 do Código Administrativo, convoco os membros do Conselho Municipal para a reunião ordinária que terá lugar no dia 15 do corrente mês, pelas 14 horas, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, com a seguinte ordem do dia:

Apreciação do Relatório da gerência da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo, referente ao ano de 1956.

Paços do Concelho de Barcelos, 6 de Fevereiro de 1957.

O Presidente da Câmara Municipal,

a) **Luís José de Magalhães de Abreu Novais Machado**

Centro Comercial Barcelense

Neste estabelecimento comercial encontrareis tudo o que diz respeito a

Livraria, Papelaria, Objectos eléctricos e Religiosos

Rua Infante D. Henrique—BARCELOS

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES NO NORTE **SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA, L.P.A.** RUA DA BANDEIRA, 923 - RUA FIRMEZA, 567 - Tel. PPD 27084 - PORTO NO SUL NACIONAL RADIO, L.ª - PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-17 - LISBOA

AGENTE OFICIAL

Eurico Soucasaux
BARCELOS

Grande saldo de Louças Sanitárias

Bacias de retrete com sifão interior e exterior desde . 75\$00

Lavatórios » . 30\$00

Bidetes » . 70\$00

NO

Armazém Esteves

ANUNCIE NO

Jornal de Barcelos

VIDA RURAL

INTERESSES DA LAVOURA

Adágios do mês

Calendária chovida à candeia dá vida.
Entrudo borralheiro, Páscoa soalheira.
Se a candelária chora, está o inverno fora; se ri, está o inverno para vir.
Aveia de Fevereiro, enche o celeiro.
Em chegado o S. Brás, verás o que o inverno fez e o inverno faz, se vai para diante ou fica para trás.
Tanta chuva pelas candeias tantas abelhas para as colmeias.
Quando não chove em Fevereiro nem prado nem centeio.
Em dia de S. Matias (24) começam as exertias.
Neve em Fevereiro, preságio de mau celeiro.

Fases da Lua

Quarto crescente — dia 7 às 23 h. e 23 m.
Lua cheia — dia 14 às 16 h. e 34 m.
Quarto minguante — dia 21 às 12 h. e 18 m.
Desde o dia 1 ao dia 28, os dias crescem 1 hora. O dia tem 10 h. e 10 m.; o dia 28 tem 11 h. e 10 m. A primeira noite do mês tem 13 h. e 50 m.; a última tem 12 h. e 50 m.

Hortalças

Conforme prometemos no número anterior, vamos dar mais algumas noções sobre produtos de horta pouco conhecidos nesta região:

Espinafres

Os espinafres podem ser semeados todo o ano, mas têm duas sementeiras principais que são no Outono e na Primavera, sendo a primeira para produzir durante o Inverno e segunda no Verão até ao Outono. Os espinafres necessitam de terreno fértil, bem estruturado e que seja isento de humidade excessiva durante o inverno porque tais condições originaria o apodrecimento das sementes. A sementeira faz-se a lanço, devendo ficar a semente ligeiramente coberta de terra. Não exigem cuidados especiais dignos de menção, devendo desbastar-se quando estejam muito aproximados os pés e se a cultura é de verão, devem regar-se com frequência. A adubação para uma cultura de 10 metros quadrados, deve ser de 300 gramas de nitrato de sódio, um quilo de superfosfato e 500 gramas de cloreto de potássio.

Pimpinela

Semeia-se a lanço em local definitivo, não exigindo cuidados culturais de qualquer espécie a não ser regas frequentes durante o verão.

Rabanetes

A sua cultura é em tudo semelhante à beterraba, porém, enquanto esta se limita quase exclusivamente à variedade "do Egipto", o rabanete tem muitas variedades que vão desde o doce ao apimentado e que se empregam na culinária consoante os "pratos" a acompanhar.

Ruibarbo

Semeia-se de Março a Maio e em Agosto e Setembro em viveiro e a plantação deve fazer-se em terreno fundo profundamente cavado e bem estruturado, devendo as plantas ficar distanciadas entre si de 1 a 1,5 metro em todos os sentidos.

No inverno, quando rigoroso, convém com folhas secas ou palha, cobrir as plantas, evitando-se que os frios as destruam.

Tetragónia

Esta planta cria hastes de 0,60 a 1 metro, sendo também conhecida por Espinafre da Nova Zelândia, diferindo dos espinafres comuns, porque, sendo vivaz, as suas folhas muito carnudas, vão rebentando à medida que se vão cortando. É conveniente para terrenos muito secos, espigando sempre dificilmente.

É cultivada para substituir os espinafres comuns durante os meses mais quentes de verão e especialmente nas localidades cujos terrenos sejam secos e áridos onde aqueles dificilmente resistem.

Na Primavera semeia-se em viveiro ou em local definitivo, sendo, porém, preferível fazer a sementeira em vasos, colocando em cada um três sementes.

A plantação deve fazer-se em terrenos leves ou que possam tornar-se leves por uma cava profunda, deixando entre as plantas uma distância de 0,80 m. em todos os sentidos. As sementeiras do outono fazem-se em local definitivo, efectuando-se a germinação, neste caso, somente na Primavera seguinte; faz-se esta advertência para que se não destruam as sementeiras antes de decorrido o devido tempo, o que já se tem verificado algumas vezes. Usa-se ainda pôr a semente de molho durante 24 horas antes da sementeira para abreviar a germinação.

Durante o Verão os únicos cuidados culturais que esta planta demanda, são regas frequentes e abundantes que concorrem para o aumento da produção e melhoramento da qualidade, isto é, tornando mais tenras as suas folhas.

Poderíamos ainda fazer de mais algumas, mas as já citadas chegam para uma primeira tentativa de renovação das hortas do nosso concelho.

Estivemos no entanto tentados a elucidar os leitores sobre a cultura dessa maravilha que se chama "Espargo". Como, porém, essa cultura é bastante trabalhosa e a sua explicação é muito longa, não o fizemos. Entretanto, se algum dos nossos prezados leitores o desejar, só terá o incómodo de no-lo comunicar que o faremos no próximo número, tanto mais que é a altura propícia a essa sementeira, que, aliás, como devem saber, apesar de trabalhosa tal cultura é largamente compensadora por ser um dos produtos mais caros do mercado.

Trigos

Sobre os trigos já nascidos que mostrem fraca tendência para afilhamento ou sobre os terrenos semeados que por virtude de grandes chuvadas, — por enquanto não as tivemos — seguidas de vento persistente, criaram uma crosta dura à superfície, deve passar-se a grade, facilitando desta forma, quer o afilhamento, quer o nascimento da planta.

Sempre que houver possibilidades e o estado do trigo assim o exigir, devem começar as nitragens.

Nesta época do ano convém proceder às adubações azotadas em cobertura quando se utilize tal método de fertilização, que se tem revelado nas nossas condições de solo e clima, bastante eficaz.

Deve fazer-se a aplicação de azoto nítrico por duas vezes, com um intervalo de cerca de um mês entre cada aplicação e em quantidades que podem atingir 100 quilogramas /ha. e por aplicação.

Convém que a primeira aplicação seja feita sempre que as circunstâncias o permitam no decurso do mês de Janeiro e a segunda durante o mês de Fevereiro. Embora se possa proceder à segunda cobertura em Março, em regra é conveniente que este trabalho tenha sido efectuado por todo o mês de Fevereiro.

Coração Impossível

(Continuação da página 6)

— Fernando! A nossa felicidade não é completa...
— A felicidade, Lina, é efémera.
— Sabes que não posso! Sabes, como desejaria sentir nos peitos os lábios inocentes de um pequenino ser.
— Do nosso filho!
— Sim, dum nosso filho! Do filho... que não posso dar-te!
— «O futuro a Deus pertence» Lina, em pequeno li uma história. Uma história igual à dos romances que se não lêem. O romance de cada um. O romance das vidas ignoradas que com sacrifício sorriem. A nossa vida não será plena de felicidade... será de amor.
— Dum amor compartilhado pela dor...
— Lina...
— Não, não soffro. Pela dor, de alguém que te entregou partículas da sua própria vida...!
— «A permanência eterna da tua imagem.» Lina, ela abdicou em prol da nossa felicidade.
— Sofremos, ambos, o castigo merecido. Ela será feliz. O seu coração... é de mulher.

Indiferente, "impávida e serena", a noite envolvia nas trevas do silêncio o silêncio de todos os pensamentos. Em cada leito: um ser. Em cada ser: um sonho. Em cada sonho: o desconhecimento do tempo que passa.
Para além do firmamento, coroado de estrelas e de luz, a verdade.

— Adeus Marina.
— Adeus, Lina.
— Como estás bela... Linda...
— ...e feliz ante a doce esperança de uma breve realidade...
— Oh! Vais casar...
— Não. Vou ter um filho... De seu marido! Porque chora? A felicidade reside na sublimidade dos nossos actos.
— Quando aprovados pela nossa consciência...
Em todos. Se o destino de cada um foi traçado por Deus, ELE julgará os seus próprios actos.
— Marina, sou infeliz!
— A infelicidade não existe. Existe sim, o egoísmo de ultrapassarmos o próprio destino. De fugirmos a ele... Porque é infeliz? Onde reside a sua felicidade?
— No teu ventre!
— Será completa a sua felicidade. Dar-lhe-ei o meu filho!
— Marina!!!

Lina havia tropeçado no rápido avanço das suas ideias. Fora de encontro à rival, levando no cérebro o pensamento dum acto desastroso e no coração o ódio mortal por aquela que, no seu íntimo, era a causa da sua infelicidade. Mas, no galopar desenfreado dos seus pensamentos, recebera no rosto o sopro quente duma felicidade inatingível. Ali estava, de joelhos por terra e o rosto encostado a um ventre fecundado, prostrada ante a adversidade de um coração impossível. Ali estava, ouvindo a vida duma vida que não via, fitando no vácuo o vácuo da sua própria existência. Marina, simbolizando o impossível, hirta e altiva no seu pedestal de sacrifício, mantinha no rosto um sorriso de dor e nos olhos a luz viva da abnegação e do altruísmo.

— Fernando. No que pensas...?
— Em nada. Penso em ti... «serás para mim a eterna saudade do tempo que passa.» «fixarei o relógio até os ponteiros assinalarem o termo dum início sem fim.» «comigo, a permanência eterna da tua imagem.»...
— Fernando. Seria possível não existir, no mundo, a infelicidade?

— «O futuro a Deus pertence.» Não sei, Lina. Seria, talvez...

— «se não existisse o egoísmo de ultrapassarmos o destino. De fugirmos a ele...» Seria... Talvez...

Dormem. O sono recafu sobre a incerteza dos seus pensamentos. Entre eles, o vazio de duas existências. Duas vidas unidas pelo desconhecido: dois caminhos numa só vida. Entre Marina e Lina, símbolos do sacrifício e do egoísmo, ergue-se uma barreira intransponível: a honra perdida de uma mulher ignorada, o ressurgimento à vida duma mulher sem mundo.

No quarto de Marina, rodeado de encanto e de beleza, um menino dorme. Alheio ao doce embalar da vida que o espera, indiferente à tragédia de três vidas que o cercam.

Indiferente, "impávida e serena", a noite envolve no silêncio o silêncio de todos os pensamentos. Para além do firmamento, coroado de estrelas e de luz, uma só verdade: DEUS.

F I M

Loures

17-1-55

Visado pela Comissão de Censura

BRITISH COUNCIL, APRESENTA COMPANHIA SADLE

N.º 98

14-2-1957

QUINZENA LITERÁRIA

O Poeta Pedro Homem de Melo e Barcelos na Emissora Nacional

○ Grupo folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos é digno dos mais rasgados elogios pela acção cultural e recreativa que vem desenvolvendo.

Para esse êxito que tem a sua repercussão para além da nossa terra tem contri-



Pedro Homem de Melo

buído imenso o trabalho, gosto artístico e generosidade do seu Director Artístico e nosso bom amigo Snr. Fernando da Costa Fernandes.

Tudo que é regionalista e pode ser aproveitado no sentido de conservar, em toda a sua pureza, tradições populares do património espiritual barcelense, serve de objecto de estudo e interesse ao tão simpático Grupo folclórico de Barcelinhos.

Nesse sentido queremos registar, hoje, no nosso jornal, as palavras proferidas, pelo nosso ilustre colaborador e distinto Poeta Dr. Pedro Homem de Melo, aos microfones da Emissora Nacional e em que são justamente postas em relevo tradições da nossa terra.

A DANÇA DO BAIXO MINHO

BARCELOS (Baixo Minho)

Em todo o Alto Minho, desde a Trofa até Braga, na corda que liga, uma às outras, as povoações de Barrimau, Famalicão, Gavião, S. Tiago da Cruz, Arnoso e Tebosa, Celeiroz, Misericórdia e Ferreiros, as danças populares são, ainda hoje, o Vira, o Malhão, a Cana Verde e o Regadinho, danças essas bailadas ao toque do harmónio, cavaquinho e viola. Depois, a caminho da Póvoa de Lanhoso tais modas repetir-se-ão, tanto em Bela Vista, S. Bartolomeu, Ubelhas, Rita e Pinheiros como, passada a sede do concelho, em Raldo, Simões e Ezmal. (Ali a melodia do Vira assemelha-se já à do Fandango do Alto Minho).

E verificaremos factos análogos a este em todas as aldeias que dão para a entrada da Póvoa de Varzim a Barcelos (Necessidades, Vila Seca, Gilmonde, Medros, Barcelinhos) assim como Alvelos, Pereira, Carvalhas, Goios e Negreiros.

Na Apúlia, praia em que os pescadores envergam, ainda, o saio Romano sucede mais ou menos o mesmo.

Assim, à primeira pergunta sobre danças, nos lábios dos ouvintes, surgem, espontaneamente, os

DISCURSO PROFERIDO PELO Senhor Donatello Grieco

Representante do Brasil, na Quarta Comissão da XI Assembleia Geral das Nações Unidas, em 30 de Janeiro de 1957, sobre o Item «Territórios Não-Autónomos».

(TRADUÇÃO DO INGLÊS)

A Delegação do Brasil sente-se muito à vontade ao tomar parte neste debate. Vem fazê-lo não apenas como elemento activo que tem sido no estudo dos problemas dos Territórios Não-Autónomos, com participação em todas as sessões da Assembleia Geral, nas quais tomou iniciativas que esta Comissão veio a endossar por maioria bastante lisonjeira. Crê-se obrigada a fazê-lo também, e com não menor e com mais justificada vaidade, por estar em jogo a resposta ao Secretário Geral de um Estado que teve a seu cargo consolidar, durante 300 anos, os elementos de progresso social, cultural, económico e político que levaram o Brasil à obtenção de sua independência.

No ano de 1822, quando um Príncipe português proclamou a independência do Brasil, tornando-se o primeiro Imperador do país, era o Brasil Reino Unido a Portugal e Algarves, com os quais partilhava em pé de igualdade da legislatura e da Administração civil de Portugal. O Governo do Reino de Portugal, de todo o seu território europeu, insular e ultramarino, exercia-se no Rio de Janeiro, cidade em que a Coroa lusitana se estabelecera desde 1808, para fugir ao vendaval napoleónico e assegurar a permanência da Nação portuguesa. Para que o Governo português se estabelecesse no Brasil em 1808 e ali permanecesse até 1821, não foi necessário nenhum instrumento jurídico especial. Os oceanos não representavam, então, para Portugal, em relação ao Brasil, a Angola ou a Macau, qualquer espécie de solução de continuidade da soberania portuguesa. Dentro da lei pública de Portugal, tanto era Portugal o continente, como era Portugal o Brasil.

Como foi aqui lembrado nesta Comissão, em 1956, pelo eminente Delegado do México, o Senhor Espinosa, irradiou do Brasil, durante muitos anos, no século XIX, o governo de uma porção apreciável do Continente europeu e de terras em África e Ásia. Eu acrescentaria que, mais que o governo de uma larga porção da Península Ibérica, tocou ao Brasil então o privilégio de manter intacta uma das mais antigas Nações do Velho Mundo e de garantir sua sobrevivência política.

O Brasil contribuiu então para firmar ao mesmo tempo a permanência da Nação portuguesa e a vitoriosa construção de sua própria condição de Estado. O que o Príncipe Regente Dom João fez em 1807 em relação ao Brasil, poderia tê-lo feito em relação a qualquer das terras que então integravam o Estado lusitano: poderia ter ido estabelecer-se nos Açores ou na Madeira, em Cabo Verde ou em Angola, em Timor ou em Macau, em Goa ou em Moçambique; e se o Brasil foi então preferido, foi-o mais pelas circunstâncias naturais derivadas das facilidades da navegação. Dom João estabeleceu-se no Brasil como poderia ter-se estabelecido em Goa, em Macau ou em Timor, sem necessidade de qualquer legislação especial, sem qualquer transformação, no fundo ou na forma, de textos legais.

De onde uma tal plasticidade? Que outro país poderia ter, em circunstância similar, lançado mão de igual recurso sem toda uma série de tricas legislativas?

A resposta, Senhor Presidente, é uma única. É que, em todos os tempos, desde que Portugal, iniciada a prodigiosa arrancada das caravelas de Sagres por todos os mares, deu ao mundo novos mundos, «e se mais mundo houvera lá chegara», como disse o supremo génio da língua,—é que, desde que Portugal levou, com os Evangelhos, os seus princípios morais, políticos e sociais às terras que descobriu e civilizou—constituiu o território português, assim espalhado por todos os pontos da rosa dos ventos, um só todo cultural e psicológico, uma só unidade, se se puder dizer assim, singular e indivisível, que engloba solidariamente todas as províncias, as províncias do continente, as províncias insulares adjacentes, as províncias ultramarinas, todas elas postas no mesmo nível de importância, de interdependência e de igualdade pelas sucessivas leis constitucionais de Portugal.

Há um século Mancini afirmava em Turim que o princípio das nacionalidades é o «que atribui a cada nação a soberania de si mesma e de todo o seu território e que lhe dá a faculdade de se constituir, de se organizar, de escolher para si um governo, de acordo com suas necessidades»: em suma, um produto «primordial e etnográfico». Mas a definição clássica sofreu interpretação que a enriquece, e não é possível esquecer a advertência de Cavagliere, em Milão, em 1905: a Nação é antes de tudo «um produto psicológico e histórico».

A Nação portuguesa é, salientemo-lo preliminarmente, uma unidade psicológica e histórica. Na decorrência de tal unidade multiseccularmente consolidada, é que a Constituição Política de Portugal define o território português sem distinguir, em relevância ou em liberdade, entre Continente e Ar-

Coração Impossível

POR MIGUEL ALVES

MARINA, depondo um beijo na testa enrugada da mãe, exclama:

— Boa noite, mãezinha. Dormindo, o tempo passa...

— Dormir... Seria bom. Adeus.

— É sempre um sono a felicidade que não se alcança...

— ...se despreza, talvez...

— Minha mãe. Em criança li uma história que, talvez por me prender demasiado ao sofrimento de uma das personagens, me deixou certas recordações.

Era a história duma mulher que lutara pelo seu ideal. Os seus pais opuzeram-se à realização do seu sonho. Essa mulher sofreu, mas sofreu em silêncio a sua derrota. Sofrimento que a levou a unir-se a um homem, pensando noutro.

— O final, recordas-te?

— Sim, recordo-me. Deus, ou o destino, quis que ela tivesse uma filha desse homem a quem uniu a sua vida, para lhe mostrar quanto é preciso sofrer para se alcançar o que se deseja.

— Queres seguir o exemplo dessa filha...

— Sim. Quero mostrar-lhe que, quando se ama, o sofrimento não custa. Há quem troque o sofrimento pelo egoísmo e o amor pela ambição...

— Adeus. Sonha. É belo sonhar...

A campainha da porta retiniu quando Marina subia para o seu quarto.

Voltou. Abriu.

— Oh, Fernando!

— Cega-me a luz dos teus olhos...

— ...a chama ardente do nosso amor.

— Trago pressa. Preciso falar-te.

— Entra. A mãe está em casa...

— Marina. O tempo passa e uma recordação fica. Para ti: a do nosso amor.

— Não uma recordação, mas o nosso amor... que perdurará através do tempo.

— Do tempo passado. O futuro, a outra pertence...

— Fernando! Que queres dizer?

— Amo outra mulher. Tu, serás o passado. Ela, o presente.

— Serás para mim, a eterna saudade do tempo que passa...

— Não sofras. Serás feliz...

— Se uma carícia abafa uma dor, uma recordação renova um sofrimento. Porém, serei feliz...

— Admiro a tua abnegação.

— O futuro a Deus pertence.

— Que farás, Marina, nas longas horas de sofrimento que o futuro te reserva?

— Fixarei o relógio até os ponteiros assinalarem o termo de um início sem fim.

— Adeus. Levo, para sempre, a dor deste momento.

— Comigo, a permanência eterna da tua imagem. Sê feliz.

O relógio da Ermida bate, melancolicamente, três pancadas que ecoam no povoado. O luar invade docemente o quarto de Marina. Um ténue raio de luz, dum pequeno candeiro, ilumina-lhe parcialmente o rosto. Dorme. No seu rosto, um sorriso de felicidade.

(Continua na página 5)

(Continua na página 3)

(Continua na pág. 2)